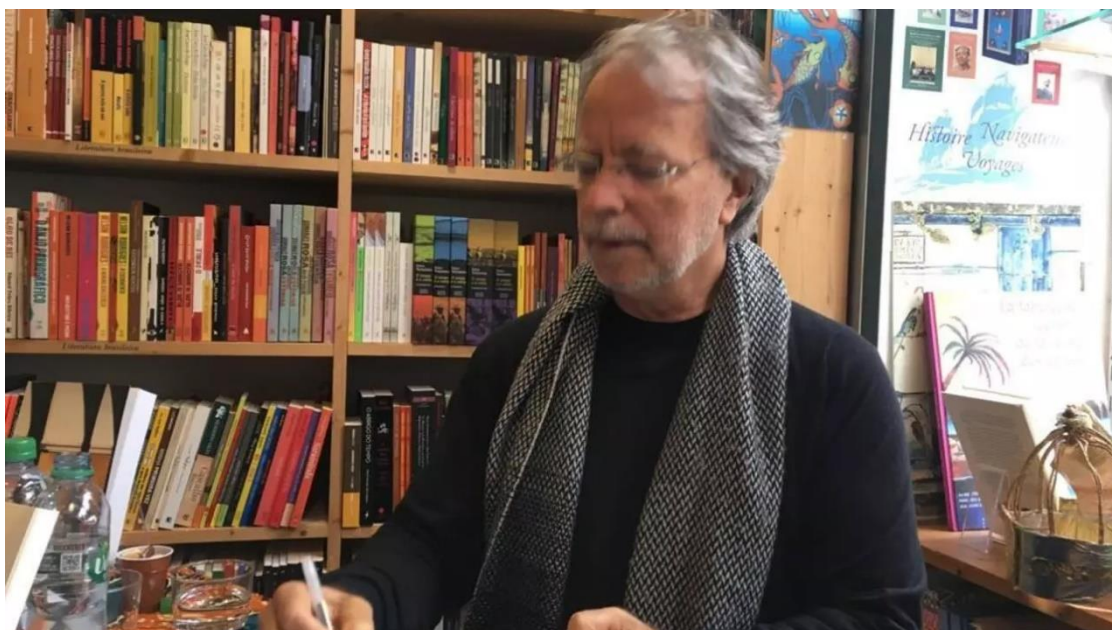


## OLHARES DOCENTES

### Os (Des)limites do (Uni)verso Miacoutiano<sup>1</sup>

Thaís Cristina Souza Almeida

Especialista em Literatura Brasileira / Professora da Prefeitura Municipal de Rondonópolis



**A**s breves rumações, textos e vídeos , acerca do fazer literário miacoutiano aclara a dialética presente na integralidade de suas produções, mais especificamente, nos (des)limites de suas crônicas, sobretudo, nas coletâneas como *Cronicando*, 1991, e *Pensageiro Frequente*, 2010 e *Vozes Anoitecidas*, 1986, com o conto “A Fogueira”. O estudo abarca o (e)terno contido em instante do eu na vida mundana quando adentram para âmbito literário. Assim, as (ex)ensões da linguagem miacoutiana que com uma sintaxe (des)preocupada, avizinha-se do registro oral, em que o plano de conteúdo e expressão de suas elaborações (co)rrompem as fronteiras entre o literário e o prosaico, entre prosa e poesia e, conseqüentemente, (entre)tecem os fios do discurso de modo que as zonas limítrofes entre o gênero crônica e conto se dissipem.

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do curso Hibridismo, Identidades e Fronteiras na Literatura de Mia Couto, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020, ministrado pela professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

Desse modo, a partir do antitético discurso literário miacoutiano se conjuga um olhar crítico para a realidade moçambicana o qual se estrutura por um discurso com alta dose de criatividade e intenção literária. Exemplo dessa dualidade tornam-se patentes em suas crônicas, dos livros supracitados, que são um entregênero, haja vista que naquelas produções possuem temas circunstanciais e apresentam estrutura e trama que as aproximam de contos. Esses componentes são adicionados amálgamas linguísticos, metáforas e lirismo.

Tal (indivi)dualidade da escrita híbrida de Mia Couto fundamenta-se na (ex)pressão da força colonizadora portuguesa que deflagra sobre a criação literária. Dessa forma, dá para atar o exame dos componentes estéticos em face do delineamento das criações literárias em países e escritores africanos de língua portuguesa, que se formam através da contradição que mana do embate entre tradição e inovação, cosmopolitismo e entre o oral e o escrito. Dialética que evidencia a luta entre participação na cultura mundial e a tradição a qual está imerso o escritor.



Diante dessa alteridade instaurada a construção literária miacoutiana aduz na tessitura do texto uma costura de identidades, culturas e da própria língua. Assim, essa mistura entre literatura e história, geografia, sociologia faz com que ecoe várias vozes: de denúncia, líricas e mágicas que se assemelham a complexidade e profundidade das circunstâncias da vida do homem e do discurso literário. E na (re)construção desses episódios cotidianos vai se escrevendo a narrativa e se firmando a poesia e reconstruindo a história e a ideologia de cada momento moçambicano.

Salienta-se o caráter pedagógico dos organismos estéticos circundados que podem tanto ser manejados no ensino básico quanto no ensino superior, visto que (trans)fero o leitor para a realidade histórico social moçambicana e, concomitantemente reflete acerca de seu fazer literário. Desse modo,

elaborações como “A Carta”, “Escrevências desinventosas”, “Viajante Clandestino”, “A velha e Aranha”, “Natural da água”, “A Cidade na Varanda do Tempo”, “ No dia da independência eu tinha 19 anos”, “ A fogueira” simultaneamente oferecem ao leitor, por meio de uma escrita que livre, a (des)organização de modelos de narrativo do quais vertem gozo literário; viagem que proporciona conhecimento histórico, geográficos, culturais e ideológicos acerca de Moçambique além da autobiografia do autor.

Portanto, essa ambivalência que resplandece nas produções miacoutianas abordadas nas aulas 1 e 2, pois as criações balizadas, primeiro por tratar de momentos históricas do país e destilar sobre eles um tom de ironia e denuncia, que aclara o cunho crítico do autor em relação ao seu tempo e espaço. Segundo, ao tanger a complexidade, desigualdade, multiculturalidade que o circunda e transpassa-la para suas obras como propriedades essenciais, tanto nos temas quanto na estrutura, (desa)fia e (des)constrói a linguagem literária ao criar um (uni)verso que (re)colhe as (indivi)dualidades do mundo e do eu, o entregênero miacoutinano.

## Referências

- FRAZÃO, Diva. Biografia de Mia Couto. 2017. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/mia\\_couto/](https://www.ebiografia.com/mia_couto/) Acesso em 4 de abril de 2020.
- VANILLI, Marilani Soares. Vozes em Confronto em “Saúde, o Lata de Água” de Mia Couto. **Miscelânea**, Assis, v. 19, p. 221-234, ISSN 1984-2899, jan.-jun. 2016.
- VIEIRA, Iara Frateschi. Pá e a chuva: sobre um conto de Mia Couto. **Estudos portugueses e africanos**, UNICAMP, nº 10, pg. 65-68, 12 de mar. 1987.
- XAVIER, Lola Galdes. Crônica de Mia Couto: o entregênero. Em torno do hibridismo genológico. **Forma Breve**. Escola superior de educação de Coimbra, nº 8, pg. 139-151, 01 de jan. 2010.